

Eu e Saul Steinberg

Desde criança gosto de desenhar.

Costumava copiar os cartoons que vinham nas últimas páginas das revistas.

Como conseguiam fazer graça com um simples conjunto de traços?

Quando prestei vestibular para Faculdade de Arquitetura de São José dos Campos em 1969, uma das provas de Linguagens da arquitetura apresentava o desenho de um homem estilizado a bico de pena bem no centro da página e pedia-se para que construíssemos o espaço ao redor.

Adorei o desenho e depois que entrei na faculdade perguntei para o prof Zanettini quem era o autor? Saul Steinberg foi a resposta.

Logo comecei a comprar seus livros e a ficar completamente obsecado com seu olhar, humor, inteligência, soluções e síntese.

Millôr Fernandes e Ziraldo, editores de O Pasquim diziam que queriam ser “o Steinberg.

Tempos depois soube de sua exposição no MASP nos anos 60.

Conta o Prof Flavio Motta que em visita aos anfitriões Lina e Pietro Bardi na Casa de vidro após uma chuva passageira,

Os vidros embaçaram.

Poesia no ar, Steinberg começou a desenhar com o dedo nas úmidas superfícies.

Como em Roma de Fellini, as figuras logo desapareceram.

Demorou para que eu me livrasse dele e encontrasse meu caminho.

Mas, de vez em quando Saul aparece para tomar café e dizer que aqui e ali eu poderia fazer melhor.

Guto I